

## ESTUDO DAS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO USO DO TRANSPORTE COLETIVO

*Fornaziero SM, Zulian MAR.*

Universidade do Vale do Paraíba. Av. Shishima Hifumi, 2911. Urbanova. São José dos Campos - SP,  
[smfornaziero@gmail.com](mailto:smfornaziero@gmail.com) / [marizuli@univap.br](mailto:marizuli@univap.br)

**Resumo** – A deficiência gera barreiras, obstáculos e principalmente dificuldades de interação e locomoção no meio em que vivemos, e para o deficiente visual o processo de socialização também fica afetado. Neste sentido, a Terapia Ocupacional, sendo uma profissão da área da saúde que busca a importante autonomia e independência do indivíduo utiliza de adaptações, orientações e de atividades que contribuem neste processo. Destaca-se, portanto, a atuação do profissional de terapia ocupacional, pois o enfoque de intervenção é com todas as atividades de vida diária, que está intimamente relacionado, como a locomoção. Este estudo tem como objetivo visualizar as dificuldades dos deficientes visuais frente ao uso dos transportes coletivos no município de São José dos Campos, para tal utilizou-se da aplicação de um questionário com a população alvo (deficientes visuais), onde foi possível visualizar a tamanha dificuldade que o deficiente visual enfrenta em seu dia-a-dia, e podendo, chegar à conclusão que este, fica à mercê do auxílio de outros para o sucesso em suas atividades, principalmente a locomoção.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional, Deficiência Visual, Transporte Coletivo, Acessibilidade.

**Área do Conhecimento:** Terapia Ocupacional.

### Introdução

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a pessoa considerada cega é aquela que apresenta acuidade visual de 0 a 20/200 pés, ou seja, que enxerga à 20 pés (6 metros) de distância à um estímulo que um indivíduo de visão normal enxerga à 200 pés (60 metros), no melhor olho, após correção máxima. Aproximadamente 1% da população mundial possui algum grau de déficit visual. (PARANÁ, 2009). Mais detalhadamente, segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2000), a visão possui graus à que abrange a possibilidade de cegueira total até a visão perfeita, sendo a deficiência visual referente à cegueira total até a visão subnormal, também conhecida pelo termo: baixa visão. No Brasil estima-se, através do Censo 2000 do IBGE (BRASIL, 2005), que cerca de 16,6 milhões de pessoas possuem algum grau de deficiência visual, e ainda com 150 mil pessoas declarando-se cegos.

Segundo Sanches, a visão tem como uma de suas principais funções ajudar a integrar diferentes modalidades sensoriais e compreender as várias informações que recebemos dos sentidos. Ela rapidamente unifica as diferentes sensações e põe relação de um sentido com o outro (apud ARIAS et al., 2004). Com uma disfunção neste sistema, ocorre um corte na integração de informações e conceitos, restringindo as ações independentes (BONAFÉ & JURASSECHE, 2003) o que gera barreiras, obstáculos e principalmente dificuldades de interação e locomoção do deficiente visual no meio em que vivemos, é possível notar que há

uma dificuldade também no transporte, que auxilia na ligação entre a casa do sujeito com todo o meio externo, não apenas de hospitais, clínicas, instituições especiais, escolas, porém, também de ligação com lazer (clubes, parques, esportes, religião etc.). Sob tal perspectiva, de que como cidadão, os cegos têm direitos previstos nas leis a ter acesso a isso. Porém, os deficientes visuais têm o processo de socialização afetado, em função, principalmente, das dificuldades no desenvolvimento de sua linguagem e na habilidade de se comunicar com as pessoas; no estabelecimento de uma imagem corporal; na capacidade de imitação para o aprendizado de papéis (sociais); no desenvolvimento do auto-conceito e na participação das atividades que envolvem relações sociais (ARIAS et al., 2004).

Neste sentido, a Terapia Ocupacional, sendo uma profissão da área da saúde que busca a importante autonomia e independência do paciente, utiliza de adaptações, orientações e de atividades que contribuem neste processo, o terapeuta ocupacional analisa todas as necessidades deste paciente para que se possa adaptar este meio, ou o indivíduo para que se facilite a inclusão do mesmo na sociedade. O terapeuta ocupacional atua com a finalidade de “promover a produtividade, o desenvolvimento, a ludicidade, a expressividade e a criatividade” (Caniglia, 1994). A terapia ocupacional, atuando em prol de prover melhorias no cotidiano daqueles que possuem comprometimentos na realização de suas atividades, é possível visualizar quais ações

que irão auxiliar no desenvolvimento e no dia-a-dia do deficiente visual.

Para auxiliar no desdobramento e na realização de atividades, tal como a locomoção, há o treino de Orientação e Mobilidade, ao qual segundo Cavalcanti & Galvão (2007) consiste na capacitação da pessoa em localizar-se e perceber o ambiente; e desenvolver a habilidade de movimentar-se, deslocar-se, portanto, destacando-se a atuação do profissional de terapia ocupacional para tal treino, visto que o treino em orientação e mobilidade está intimamente relacionado com todas as atividades de vida diária, como a locomoção.

Este estudo tem como objetivo visualizar as dificuldades dos deficientes visuais frente ao uso dos transportes coletivos no município de São José dos Campos, reunindo informações que poderão posteriormente contribuir com ações direcionadas a respeito.

## Metodologia

A revisão bibliográfica do presente artigo foi feita a partir de estudo em livros, diversos artigos científicos, manuais e cartilhas referentes ao tema de base. Também foram feitas pesquisas em rede eletrônica como “Scientific Electronic Library Online – Scielo” e sites governamentais como “IBGE”, utilizando as palavras chaves para busca: Deficiência Visual, Acessibilidade para Deficientes Visuais, Terapia Ocupacional com Deficientes Visuais, Acessibilidade no Transporte Coletivo e Inclusão de Deficientes Visuais no período de Outubro de 2009 à Agosto de 2010. Tais buscas fundamentaram o presente estudo. E pra o desenvolvimento, foi realizada a aplicação de questionário com 20 pessoas deficientes visuais, tendo estes mais de 18 anos e não possuindo patologias motoras e/ou psíquicas associadas. O questionário, no modelo de *Check List* (inventário de informações), englobou questões para observar quanto às estratégias e dificuldades vividas pelos deficientes visuais no uso do Transporte Coletivo e partindo disso fazer a estatística dos dados colhidos e então analisar os resultados obtidos. Este trabalho foi submetido ao comite de ética do IP&D UNIVAP e aprovado sob o protocolo nº H 219/CEP2009 tendo se orientado segundo as normas previstas.

Para cada participante da pesquisa, foi entregue uma cópia assinada do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido constando a aceitação do entrevistado em participar da pesquisa.

## Resultados

O público aos quais os dados foram coletados compunha um grupo de 61% de homens e 39%

mulheres com deficiência visual, sendo dentre eles 85% com cegueira total e os outros 15% com baixa visão, sendo de cunho 50% como adquirida e a outra metade de cunho congênito. Dentro do grupo de entrevistados, a idade variou entre 18 à 27 anos, com 20%; de 28 à 37 anos com também 20%; de 38 à 47 com 25%; e com idade acima de 47 anos, com 35%.

*‘Vale aqui ressaltar que todos os entrevistados fazem uso autônomo e independente do transporte coletivo por terem passado pelo treinamento de Orientação e Mobilidade oferecido pelo centro de reabilitação onde foi aplicado o questionário’.*

Foi possível detectar que todos os indivíduos entrevistados locomovem-se sozinhos na rua, sendo que 80% afirmaram freqüentar locais sociais, já em relação à freqüência em locais de lazer, foram obtidas 75% de respostas positivas.

Com relação ao uso do transporte coletivo, observou-se que 80% relataram não ter dificuldade em encontrar o ponto de ônibus, sendo que tais indivíduos memorizam obstáculos físicos do trajeto para chegar ao ponto de ônibus; observar-se detalhadamente a partir do relato abaixo:

*“Pra chegar ao ponto de ônibus perto da minha casa, eu encontrava um buraco no caminho e sabia que logo já era o ponto, um dia o buraco não chegava, até que descobri que haviam tampado o buraco”.* (Relato de uma das entrevistadas)

Todos participantes relataram ter que solicitar auxílio de outros para identificar o ônibus que vão utilizar. Para saírem do ônibus, e descerem no devido ponto, 70% relatam não terem dificuldade para tal, porém, parte do grupo, 70% deles memorizam as principais características de trajeto e acompanham mentalmente o itinerário, e os demais 30%, solicitam auxílio de outros. Da maioria que memoriza o trajeto, é importante evidenciar tais relatos:

*“Pra saber que estou chegando aqui ao centro de reabilitação, é quando passa por um obstáculo e uma lombada, eu já sei que o ponto pra descer esta chegando”.* (Relato de um dos entrevistados)

*“Pra saber se está chegando minha casa, eu conto quantas curvas acentuadas o ônibus faz”.* (Relato de um dos entrevistados)

Ao atravessar as ruas, 65% dizem ter dificuldades, verificou-se também, que 85% dos entrevistados sofrem em circular em locais e vias públicas, apontando como principal dificuldade a falta de sinalização (55%) e o grande fluxo de pessoas (10%). Ficando o restante dos 20% apenas andando acompanhado em tais locais.

Observou-se a dificuldade em circular nas calçadas em (85%), ficando evidentes tais dificuldades a partir de relatos:

*“Diversas vezes bati a cabeça nessas lixeiras que ficam penduradas nos portões, até que aprendi que fica mais seguro andar próximo ao meio-fio”.* (Relato de um dos entrevistados)

*“Varias vezes já cortei minha testa em lixeiras, é muito ruim esbarrar nas coisas que a bengala não toca”.* (Relato de um dos entrevistados)

Obtiveram-se também sugestões dos próprios indivíduos, ressaltando-se que 55% das respostas solicitam à manutenção e melhorias das vias públicas, principalmente as calçadas.

## Discussão

Com a análise dos resultados obtidos com a pesquisa, foi possível observar que mesmo o deficiente visual possuindo autonomia no deslocamento na cidade, o mesmo realiza tal ato com dificuldade, e diversas barreiras impossibilitam e dificultam a execução desta ação, que acaba comprometendo o processo sadio de inserção social.

Todos os indivíduos entrevistados afirmaram locomoverem-se sozinhos na rua, porém não significando fazerem isso sem dificuldades, as quais apresentam no presente estudo. Quando questionado se eles freqüentavam locais sociais, tal como banco, lojas, parques etc., cerca de 80% dos entrevistados afirmaram freqüentar, contudo ficou evidente a prevalência de resposta ao centro de reabilitação ao qual freqüentam e a igreja, sendo estes classificados pelos indivíduos como seus locais sociais. Já quando questionado em relação ao lazer, foram obtidas respostas com 75% delas positivas, ficando incluso como especificidade de local, ir à casa de amigos e parentes, ou seja, em situações ocasionais. Não fora questionado se o fazem com assiduidade, contudo fora constatado a partir de relatos que não fazem isso constantemente.

Portanto, nota-se que o processo de inclusão está no início, pois esta autonomia e independência, mesmo adquirida, não supre a demanda de locais freqüentados pelos deficientes visuais, ficando reduzidas as oportunidades, apenas prevalecendo locais de comum acesso deles, tal como casa de familiares e centros de reabilitação.

Para freqüentarem tais locais, de forma independente todos os entrevistados disseram fazer uso do transporte coletivo, sempre levando em conta, que para isso foi necessário à participação do treino de Orientação e Mobilidade (OM), para então poderem deslocar-se sozinhos, de acordo com relatos obtidos, aqueles que não passaram pelo treino de OM tem sua independência reduzida, pois não estão aptos e não se sentem seguros em locomoverem sem companhia pela cidade.

Para que os deficientes visuais façam uso do transporte coletivo, foi possível observar que mesmo 80% relatando não ter dificuldade em encontrar o ponto de ônibus, alguns aspectos influenciam esta resposta, pois para isso é necessário que o indivíduo memorize o trajeto até o ponto de ônibus, ao que se baseiam em obstáculos físicos para localizarem-se. Ou seja, qualquer mudança sem aviso prévio no percurso, o deficiente visual pode ficar em desvantagem novamente, ou mesmo perder tal orientação.

A dificuldade cresce para identificar os ônibus que vão utilizar para isso, a artimanha usada é de contar com a solidariedade de outras pessoas ou mesmo dos motoristas de ônibus. Ficando à mercê dos hábitos sociais para que possam dar continuidade ao seu destino. Assim que adentram no ônibus correto, os entrevistados relatam haver a necessidade de manterem-se atentos e acompanhar mentalmente o itinerário, ao qual memorizam tais características de trajeto. Ou quando não memorizaram o trajeto, novamente necessitam contar com auxílio de outros, seja do motorista, do cobrador ou mesmo de outro passageiro. Portanto, fica extremamente evidente a necessidade de memorização dos caminhos para o alcance da independência nos translatos das ruas e calçadas e a ainda presente a dependência da boa vontade alheia.

Porém a dificuldade vai além dos aspectos que envolvem o transporte público, engloba as dificuldades vivenciadas nas vias públicas ao qual na pesquisa foi possível verificar que 85% dos entrevistados sofrem em circular em tais vias públicas, como por exemplo, nas calçadas. Como também a dificuldade em circular em locais públicos como lojas, bancos, parques etc., onde aqueles que relataram dificuldade no acesso em tais locais apontam como principal dificuldade a falta de sinalização e o grande fluxo de pessoas. Sendo que diversas pessoas do grupo entrevistado diz, apenas andar em tais locais acompanhados.

Para que houvesse melhorias na mobilidade dos deficientes visuais, os mesmos sugerem que:

- aumentem o tempo do sinal sonoro,
- haja melhoria significativa na sinalização
- inclusão de tecnologias no transporte coletivo
- melhorias nos hábitos sociais

E principalmente:

- Manutenção e padronização das calçadas

## Conclusão

Com o presente estudo, foi possível visualizar a tamanha dificuldade que o deficiente visual enfrenta em seu dia-a-dia, e mesmo assim o realiza com destreza.

Observa-se que há adaptações que facilitam a vida daqueles que possuem algum tipo de deficiência, porém, ainda está longe de ser o ideal, abrangendo todas as dificuldades, inclusive dos deficientes visuais.

Para tanto que, o deficiente visual, fica à mercê de auxílio de outros para o sucesso em suas atividades, principalmente na locomoção. Ressaltando as dificuldades vivenciadas em meio público (como calçadas) que infelizmente não atingem a população que pela deficiência está impossibilitando, como também outros grupos, como idosos, gestantes, mães circulando com carrinhos de bebê, ou mesmo aqueles que não possuem tais características, mas que mesmo assim se vêm frente a tais obstáculos.

### Referências

- ARIAS, M. H.R.; ZEFERINO, A. M. B.; BARROS FILHO, A. A. **Surdocegueira: importância da estimulação precoce.** São Paulo: Memnon Edições Científicas, v.13, n.77, p.12-19, nov. 2004.

- BONAFÉ, S. M; JURASSECHE, L. S. **Um novo olhar da Terapia Ocupacional para os deficientes visuais.** Trabalho de Conclusão de Curso (Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos – SP). 2003.

- BRASIL, Ministério da Educação. **Deficiência Visual.** Secretaria da Educação a Distância. 2000.

- BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).** Brasília, 2005. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=438&id\\_pagina=](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=438&id_pagina=)> Acesso em: 02 ago. 2010, 09:20:30.

- CAVALCANTI, A; GALVÃO, C. **Terapia Ocupacional. Fundamentação & Prática.** Rio de Janeiro. Ed Guanabara Koogan, 2007.

- PARANÁ, Secretaria de Saúde do Estado do Paraná. **Fatores etiológicos da Deficiência Visual,** 2009. Disponível em: <[http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/SPP\\_Arquivos/PessoascomDeficiencia/FatoresetiologicosdaDeficienciaVisual.pdf](http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/SPP_Arquivos/PessoascomDeficiencia/FatoresetiologicosdaDeficienciaVisual.pdf)> Acesso em: 05 nov. 2009, 16:30:30.